



# AUDIOVECTOR Si6 AVANTGARDE ARRETÉ

Numa sociedade em que a imagem tomou proporções absurdas as Si6 têm um problema. É que, como tudo, para além de sê-lo têm de parecê-lo.

Dos triliões de marcas de colunas que pululam por este mundo a Avantgarde não é das mais conhecidas. E, no entanto...

A marca foi criada há mais de vinte anos por um tal Ole Klifoth, um dinamarquês que (tal como eu) não havia meio de encontrar umas colunas que o satisfizessem, pelo que, segundo ele diz, teve de as fazer. Presentemente a produção da Audiovector consiste, para além das inevitáveis colunas para o canal central do AV, na gama Mi1, de duas vias, para usar em pedestal, na gama Mi3 de 2,5 vias, colunas médias de colocar no chão, e na gama de topo, as Si6, de 3,5 vias.

No último Hi-Fi Show, os Carlos (Abreu e Delgado) da Absolut Sound tinham a tocar umas Mi3 cujo som me pareceu muito claro e dinâmico, o que me despertou a curiosidade, apesar de as ter ouvido apenas «de passagem». Foi o suficiente, contudo, para lhes pedir uns exemplares da marca, para ouvir em casa. Claro que optei pelas topo-de-gama, as Si6 Avantgarde Arreté, visto que eu, na minha idade, já não estou para meias medidas.

Porque é que as Si6 Avantgarde Arreté se chamam assim é algo que me deixa algo perplexo. Todas as suposições são válidas. Eu, por exemplo, imagino que o Ole tenha contratado um estagiário francês pouco imaginativo, e que o tenha incumbido de encontrar uma designação apropriada para as colunas. Depois de muito matutar, certa manhã de temporal vê o Ole entrar pelo escritório dentro, ensochado, e exclamar: «A m..... do meu Mercedes parou outra vez na auto-estrada!»... E entre dois neurónios do estagiário salta uma chispa (Eureka) e exclama, frenético: «Avantgarde Arreté!» Já estava... Claro que cada um dos leitores pode imaginar outra qualquer estória, tão credível como esta ou ainda menos.

As Si6 AA têm uma construção soberba mas um aspecto que não as faz destacar grandemente da «multidão», se as colocarmos numa sala juntamente com muitas das colunas existentes no mercado, de tamanho parecido, e que custem, digamos, entre os 3000 e os 10.000 euros. E isso é grave já que, embora sejam muito melhores do que aparentam, têm um preço que surpreende e assusta. Cerca de 17.500 euros! Receio que muitos potenciais compradores, ao vê-las, lhes atribuam mentalmente um preço entre os 5000 e os 10.000 euros e que, quando informados do preço real, lhes virem as costas e

as esqueçam de seguida. Nem lhes dão a oportunidade que merecem.

Não se pode dizer que tenha encontrado um «manancial» de informações sobre as Si6 AA, quer no folheto publicitário da empresa, quer no manual do utilizador, quer na Internet. Certas informações que considero interessantes, como as frequências de corte dos filtros e respectivos gradientes de atenuação, características e dimensões do *woofer* e certos detalhes construtivos primam pela ausência. Será segredo?

Mas tracemos um breve perfil físico das suspeitas. Têm 125 cm de altura, 24 de largura e 36 de profundidade e pesam uns 50 quilos, cada. Não são pesos-pesados como as JM Lab Nova Utopia, as Wilson Audio WATT/Puppy 7 ou mesmo as B&W 802D com os seus respeitáveis 80 quilos. E eu, que de certa forma me habituei a «associar» o peso à qualidade, fiquei desconfiado. Ao quilo, as Si6 AA são mais caras que caviar!

A caixa tem uma secção horizontal ovalizada e é constituída por nove camadas de aglomerado de alta densidade (HDF), rígido e denso, devidamente enformado, a que o fabricante chama NRFB (Non Resonant Fibre Board). A técnica da construção da caixa não é mencionada, mas estou desconfiado que não deverá ser muito diferente da das B&W 802D. Possuem uma espécie de «espinha dorsal» feita do que parece ser uma liga de alumínio que talvez lhes confira um pouco mais de rigidez (a não ser que seja um atributo meramente estético).

O painel frontal é estreito, promessa de uma boa imagem estereofónica.

Nele está instalado um *tweeter* de fita em harmónio, de grande superfície, cujo leque de frequências de resposta termina para lá dos 50 kHz. Por baixo estão instaladas duas unidades de médios, claramente da mais alta qualidade, mas com uns meros 12 cm de diâmetro, o que não deixa grandes expectativas quanto à extensão dos graves. Uma delas funciona na gama dos médios altos e a



outra entra em funcionamento, em paralelo, para cobrir a zona dos médios baixos. Por baixo existem dois canais acústicos para a carga do recinto onde aquelas unidades se alojam. Tudo isto está instalado num painel frontal metálico de boa espessura, que cobre os dois terços superiores da zona frontal da coluna. O nível dos acabamentos e a evidente qualidade dos materiais, do fabrico e da montagem demonstram à saciedade que estas colunas não podiam ser «baratas».

No terço inferior da coluna está instalada uma unidade de graves, invisível, que «dispara» para baixo, e a que a Audiovector chama, não sei se com alguma dose de optimismo, *subwoofer*. Os «pés» das colunas são constituídos por uma «sapata» metálica de discutível elegância, com uma forma que lembra um fole de ferreiro, aberto atrás e aos lados para deixar sair as ondas de pressão criadas pela unidade de graves. O painel onde se situam os terminais de ligação dos cabos ostenta nada menos de três pares de terminais, o que permite a tricablagem. O aspecto e a evidente qualidade da placa e dos terminais, revesti-

dos a rádio, está ao nível do que de melhor se faz. Nem a Rolls-Royce!

Quem queira ir ainda mais longe, depois de gastar os tais cerca de 17.500 euros nas colunas pode ainda adquirir o AVEX, um *crossover* electrónico activo e modular que, com a aquisição adicional de 3-amplificadores estereofónicos-3 ou 6-monoblocos-6, deverá pôr as Si6 AA a tocar melhor que a Filarmónica de Berlim. Claro que, por esta altura, o dinheiro gasto quase já dava para comprar assinaturas para muitos anos de temporadas, e ainda cobria as viagens e as estadias.

A impedância nominal é de 8 Ohm e, mais interessante ainda, a Audiovector afirma que elas nunca descem abaixo dos 4,4 Ohm, já que o ângulo do desfaseamento entre a corrente e a tensão nunca toma valores elevados. Isto, e o facto de terem uma sensibilidade de 92 dB/W/m tornam-nas uma «palhinha» para qualquer amplificador, não exigindo desses monstros capazes de debitar corrente como uma máquina de soldadura. A curva de resposta em frequência é dada como indo dos 25 aos 50.000 Hz com

## TESTE AUDIOVECTOR Si6 AVANTGARDE ARRETÉ



uma atenuação de 2 dB nas extremidades. Quando lemos isto e olhamos para as «unidadezinhas» de médios/graves não podemos deixar de ter algumas dúvidas, mas...

Para além disto pouco mais há a referir, a não ser que o amigo Ole parece adorar acrónimos e diz no catálogo que as suas colunas usam a tecnologia IUC (Individual Upgrade Concept), SEC (Soundstage Enhancement Concept), LCC (Low Compression Concept), ADC (Active Direct Concept), já para não falar em AIC (Audiovector Interface Concept), NCS (Natural Crystal Structure) etc., etc. Não vou gastar o meu latim e o vosso tempo a tentar explicar o que é isto tudo. Quem quiser que visite a Absolut Sound e peça um catálogo da Audiovector para se esclarecer. O que me parece é que os menos bem intencionados podem levar tudo isto à conta de «banha da cobra», embora admita que este conceito não seja muito aplicável aos dinamarqueses, que tenho por gente séria.

Bom. Por esta altura já estabelecemos que as Si6 AA são construídas como máquinas de precisão, com componentes obviamente da mais alta qualidade. É altura de invocarmos a célebre frase dos *malanders* das fitas americanas... «You talk the talk, but can you walk the walk?»

Antes de entrar por aqui devo dizer que vou passar por cima de alguns incidentes que começam a aborrecer pela repetição. Não vou dizer, por

isso, que as colunas me foram entregues como estando rodadas. Nem vou dizer que fiquei atónito quando as pus a tocar, já que não soavam melhor que uma simples Monitor Audio Silver RS8, por exemplo. Seria que tinham posto um «zero» a mais no preço ou o Ole anda a «mangar» connosco? Também não vou dizer que depois de aguentar aquilo mais que uma semana, sem notar melhorias, acabei por informar o Carlos Delgado, com a morte na alma, que preferia devolvê-las a escrever sobre elas, já que não encontrava nada de especial a dizer sobre umas colunas de preço tão especial. Nem vou dizer que, por um misto de incredibilidade e descarga de consciência, as deixei a tocar sozinhas um fim-de-semana quase inteiro (mais de 20 horas) ligadas a um posto de rádio. Nem que quando voltei a casa, domingo à noite, e as ia desligar (tinham ficado de as ir buscar na segunda-feira...), notei algo que me fez levantar o som e me deixou de boca aberta. Tinham acordado!

É que há colunas que não mostram melhorias diárias evidentes, mas que acordam de repente ao fim de algumas dezenas de horas, e outras que vão melhorando lenta mas diariamente ao longo das primeiras 200 ou 300 horas. As Si6 AA pertencem claramente à primeira categoria, tal como as Quad ESL 63 que tive cá em casa há uns anos. Só que estas eu sabia que estavam «virgens» pelo que me armei da paciência necessária. O problema com este tipo de colunas é que, como não se nota um

progresso evidente, acabamos por desistir e passamos para «outra». Já as B&W 802D que cá estiveram anteriormente, embora soassem mal de início, todos os dias prometiam mais qualquer coisa, «agarrando-me».

A primeira coisa que se nota no som das Si6 AA é a espantosa velocidade e agilidade com que o som «entra» e sai! Os bordos de ataque e de fuga dos sons e das notas (se me perdoam a linguagem aeronáutica) são definidos como nunca ouvi. Os sons que, em colunas menos abonadas, se confundem e sobrepõem, são nestas «separados» e definidos individualmente como por magia. Como as colunas são, em termos de ressonâncias, quase perfeitamente «mortas» (bater-lhes com os nós dos dedos é quase como bater em pedra), nunca nenhum os parece provir delas. A imagem orquestral surge por detrás delas, perfeitamente definida em profundidade, largura e altura, fervilhando com uma enorme quantidade de detalhes, pormenores e nuances de que nunca me tinha apercebido. O nível da resolução e da definição das localizações dos instrumentos, das suas cores e dos seus timbres é extraordinário. Desafio os que gostam de música clássica e que estão habituados a ir a concertos sinfónicos, que conheçam as diferentes formas de dispor os naipes de instrumentos no palco e que gostam de observar os músicos e os naipes quando actuam, que tentem «apenas» ouvir estas colunas a tocar uma peça sinfónica. Aposto que não conseguem. É que a

sensação de «presença» é tal que damos por nós a «olhar» para o espaço entre as colunas, «vendo» a disposição da orquestra tal como ela era na gravação do disco, a atenção visual solicitada continuamente para aqui e para ali, à medida que os instrumentos entram e saem. As emoções ficam ao rubro! A isto sim, chamo eu um espectáculo audiovisual!

A gama média prolonga-se, sem costuras, para baixo e para cima. Os violinos soam mais a violinos, enriquecidos pela presença das harmónicas das mais altas frequências, soando por vezes com a aspereza e a estridência que lhes é característica. Nada de falsas «doçuras». Os contrabaixos são-no de «corpo inteiro», profundos, cheios. Não faço ideia da forma como o Ole conseguiu «colar» os graves daquelas duas unidadezinhas de 12 cm com o do *subwoofer* da base. O facto é que não se nota costura nenhuma. O homem é um milagreiro! As minhas Renaissance 90 têm uns médios que são a inveja de muitas colunas de milhares de contos. Tenho encontrado parecido, igual, mas nunca melhor. Até agora. Devo admitir que as Audiovector pertencem a outro «campeonato».

Um dos acrónimos referidos no catálogo é o LCC, que quer dizer Low Compression Concept. Isto, segundo eles, significa que as membranas das unidades se podem movimentar livremente em quaisquer condições de funcionamento. Não é patranha, não! Estas colunas conseguem atingir picos de intensidade sonora perfeita-



mente obscenos para quem vive num condomínio, sem que se perceba qualquer endurecimento do som, compressão ou distorção! E, ao mesmo tempo, são capazes de reproduzir sinais da mais baixa amplitude (sons muito fraquinhos) com uma clareza e uma riqueza tímbrica e tonal que julgaríamos impossível. As Si6 AA fazem-no com uma facilidade desconcertante!

Na política costuma dizer-se que por detrás de cada grande homem há uma grande mulher. Neste caso, por detrás destas duas senhoras está um grande senhor, um Conrad Johnson Premier 350, cujo carácter sonoro é perfeitamente traduzido e respeitado pelas Audiovector, que se «rebolam» todas com ele. Parece um casamento feito no céu!

Não sei se algum dos leitores ouviu a 4ª Sinfonia de Chostakovitch tocada na Gulbenkian, há poucos meses. É uma obra longa e difícil, com passagens extremamente intensas, em que são sustentados elevados níveis sonoros durante longos minutos, no primeiro andamento e, em especial, no final do terceiro e último andamentos. Em contrapartida há momentos pianíssimos, misteriosos, em que intervêm apenas alguns instrumentos, nomeadamente percussões e madeiras. Ouvi a peça na primeira fila da plateia (onde normalmente «resido»). Confesso que não fiquei muito feliz com o concerto e, ainda por cima, fiquei com os ouvidos a «tinir». Acho que a peça foi dirigida de «acelerador no fundo» e que, nas partes mais intensas, o «maremoto» sonoro era de tal forma ensurdecador que não se ouvia «nada». Parece um contrassenso mas, se pensarem bem, não é.

Tenho três gravações dessa sinfonia, sendo a minha preferida uma da marca russa Melodiya, feita em 1962, em que a Filarmónica de Moscovo é dirigida pelo Kirill Kondrashin. Gosto do som «rompe e rasga» dos metais das orquestras russas e da forma intensa e «crua» como esta obra é dirigida, na gravação. Tenho o hábito de, por vezes, vir para casa «lavar os ouvidos» de coisas menos boas que ouço na Gulbenkian (que também



ocorrem, de quando em quando). O notável é que consegui ouvir toda a obra em casa, pela primeira vez, sem mexer no botão do volume! Embora a gama dinâmica da obra seja brutal, as passagens em «ppp», embora quase no limiar da audição, surgiam claras e recortadas, com os seus timbres, tons e «cores» harmónicas perfeitamente definidas, enquanto que as em «fff», embora fazendo tremer as paredes, deixavam ouvir os instrumentos todos, sem sinal de compressão ou desconforto (das colunas, claro, que em termos de ouvidos estava no chamado «limiar da dor»). Nunca na minha vida tinha ouvido colunas tocarem tão alto com tanta «descontração» e facilidade. Tanto a clareza dos «pianíssimos» como a «facilidade» dos fortíssimos se devem à excepcional capacidade do Premier 350 em resolver os timbres e as complexidades harmónicas, em qualquer intensidade sonora, e à transparência cristalina das Audiovector em tudo deixar passar.

Também as vozes surgem com uma presença e uma «solidez» a que não estou habituado. Os agudos penetrantes, estilo «apito», da Cheryl Studer, nas *Vier Letzte Lieder* de Strauss, que já nas B&W 802D me tinham impressionado por surgirem perfeitamente limpos e isentos de qualquer «aura» de estridência, são «traduzidos» pelas Si6 AA de forma talvez ainda mais límpida e sólida, sem qualquer «adoçamento». A entrada do coro masculino nos *Mestres Cantores*, logo após o final da abertura, «assustou-me» pelo realismo e dimensão (como é que tinha entrado tanta gente em minha casa sem que eu desse por nada!).



## TESTE AUDIOVECTOR Si6 AVANTGARDE ARRETÉ



Mas estas colunas, então, não têm nenhum defeito? Francamente sinto-me mal em não poder apontar uma ou outra zona de «carência» de um equipamento de som, já que nada é «o melhor do mundo». Claro que deve haver colunas melhores, mesmo muito melhores, mas nunca as ouvi! Sinto-me um pouco como na anedota do menino Carlinhos, ordinário e malcriado, a quem a professora tinha pedido para dizer uma palavra começada por «A». Por muito que rebuscasse a memória à procura de um palavão começado por «A» para chocar a professora não o conseguia encontrar, pelo que acaba por disparar... «anão»... «anão»... mas com uns grandes t.....

Talvez eu possa fazer o mesmo em relação aos graves das Si6 AA. Descem bem «lá abaixo», causam-me arrepios com as harmónicas graves das cordas grossas e com as duas primeiras oitavas do piano mas, lá no fundo, muito lá no fundo, podiam ser um pouco mais sólidos (poderiam?). Acho que sempre ficarei com a dúvida de quais chegam mais «lá abaixo» e com mais qualidade, se as B&W 802D se estas Audiovector.

Faço ainda notar que toda esta avaliação é feita na base de uns exemplares que não deverão ter mais de umas 50 ou 60 horas de funcionamento e que

o manual da Audiovector recomenda um mínimo de 200 horas até ficarem bem «maduras». Que é feita com as colunas bicabladas e não tricabladas, já que me era impossível arranjar um par de cabos iguais aos que tenho para o fazer. Que usei como «pontes» entre os terminais dos médios e os dos agudos uns troçoinhos de cabo sem *pedigree* que tinha cá por casa. Que tenho as colunas simplesmente assentes no chão e não sobre os espigões especiais que são recomendados, não só para isolamento como para as afastar um pouco mais do chão, o que deverá melhorar a qualidade do grave. E que, mesmo assim, são as melhores colunas que já alguma vez passaram cá por casa. Só me resta imaginar o que é que elas farão em condições óptimas de funcionamento!

Só um apontamento final. Estou a acabar de escrever este texto e é quase meia-noite. Hoje não houve nada de interessante na televisão (olha que novidade!) e acabei há pouco de ouvir, tão «baixinho» quanto é prático, para não incomodar os vizinhos, o concerto para violoncelo de Walton numa extraordinária gravação da Chandos, em LP. É que à noite os velhos LP's dão particularmente jeito por terem uma gama dinâmica inferior à dos CD's. É um concerto para violoncelo e orquestra particular-

mente belo, misterioso, melancólico, sem passagens particularmente intensas, à excepção de alguns compassos no primeiro andamento. No silêncio da noite a dupla Premier 350/Si6 AA criou a imagem perfeita de um salão, dispoendo visivelmente a orquestra a uns 20 metros de mim, com o violoncelista, Ralph Kirshbaum, no centro. A beleza do som, a clareza dos pianíssimos, a sensibilidade de Kirshbaum, o calor do violoncelo, tudo só para mim! Sem ter o vizinho do lado a virar repetidamente as páginas do programa, aborrecido, à procura de anedotas. Ou a senhora da frente a agitar as pulseiras enquanto remexe na mala à procura de qualquer coisa enquanto a chatice do concerto não acaba e não chega o intervalo para ir conversar com as outras «tias». Ou com o vizinho do outro lado a tentar mostrar-se interessado na música e batendo o compasso com a mão ou o pé, mas completamente fora de «tempo». Ou até, simplesmente, a impossibilidade de «eu» próprio me poder mexer com a música à minha vontade, se calhar até a «dirigir» a orquestra que está ali à minha frente...

Referi, lá atrás, que o preço destas colunas, sobretudo com o *crossover* electrónico e os amplificadores adicionais, chegava para comprar assinaturas para a melhor orquestra do mundo, viagens e estadias, durante vários anos. Sabem que mais? Se eu tivesse o dinheiro suficiente e pudessem optar, optava pelo sistema e pelas audições solitárias, bem egoístas. Ouvir música, entendê-la, entrar nela e gozá-la é um acto demasiado pessoal e «interior» para ser partilhado.

Politicamente incorrecto? Que o seja. Já começo a ter aquela idade em que se diz o que se pensa e não o que os outros querem ouvir.

Preço/Par: 17.700,00 €

Representante: Corpaw

Tel.: +34 986 21 44 14

Contacto em Portugal:

Absolute Sound Vision

Telef.: 21 355 27 10